

# GERUNDISMO: VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

## GERUNDISMO: VARIATION AND LINGUISTIC PREJUDICE

Fábio Fernandes Torres  
Universidade Federal do Ceará

Márluce Coan  
Universidade Federal do Ceará

**RESUMO:** Esta pesquisa centra-se no estabelecimento de critérios para definir uma perífrase gerundiva como gerundismo: *forma, natureza temporal, aspecto e modalidade*. Além disso, apresentamos hipótese acerca da origem do gerundismo, bem como tecemos considerações sobre preconceito linguístico, devido ao fato de que algumas construções com gerúndio são estigmatizadas enquanto outras não desencadeiam atitude preconceituosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** gerúndio; gerundismo; preconceito linguístico.

**ABSTRACT:** This research focuses on criteria to define a gerund periphrase as *gerundismo*: form, temporal nature, aspect and modality. Additionally, we present a hypothesis about the origin of *gerundismo*, and offer considerations about linguistic prejudice, because of the fact that some gerund constructions are stigmatized while others do not give rise to prejudiced attitudes.

**KEYWORDS:** gerund; *gerundismo*; linguistic prejudice.

### INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

O uso de perífrases gerundivas, na codificação de tempo, tem sido objeto de discussão na mídia, disseminando-se a idéia equivocada de que este emprego constitui o que se passou a chamar de *gerundismo*. Sendo legítimo e prescrito nas gramáticas o uso do gerúndio, faz-se necessário verificar as restrições, se houver, às perífrases emergentes.

É preciso esclarecer que nem todas as construções em que o gerúndio se alia a outro verbo para expressar tempo, seja passado, presente ou futuro, podem ser consideradas *gerundismo*. Se tratássemos todas as construções gerundivas como *gerundismo*, teríamos de considerá-las como variantes de uma mesma variável<sup>2</sup>, o que definitivamente não é. O gerúndio pode aliar-se a outro verbo para expressar diferentes tempos e modos em Português brasileiro e acrescenta a essas construções nuances aspectuais diferentes. Em *Eu estava correndo das 8 às 10 da manhã de ontem*, há uma situação anterior ao momento de fala, uma expressão de tempo passado, que tem como verbo principal uma forma no gerúndio, que expressa uma situação durativa e acabada no passado; em *Estou estudando o gerúndio*, a situação codificada pela perífrase com o gerúndio é não-acabada no presente, é concomitante ao momento de fala e expressa duratividade; em *Amanhã estou viajando para Curitiba*, a situação verbal é posterior ao momento de fala, uma expressão de tempo futuro, igualmente durativa, mas não-começada. Essas construções (perífrases com dois verbos) são antigas na língua, não sofrem estigmas e são variantes de variáveis diferentes, expressam passado, presente e futuro, respectivamente.

Em se tratando das construções gerundivas com três verbos, é preciso estabelecer critérios que procurem demonstrar diferenças entre uma e outra construção, visto que sobre o emprego dessas construções têm sido alardeados mitos e radicado o preconceito linguístico e são justamente essas construções as chamadas indiscriminadamente de *gerundismo*. Neste artigo,

---

<sup>1</sup> As considerações e os exemplos apresentados neste artigo integram o capítulo dois da dissertação intitulada “O gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista”, de Fábio Fernandes Torres, sob orientação da Profa. Dra. Márluce Coan.

<sup>2</sup> Conforme Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável (regra variável).

propomos uma definição de *gerundismo* baseada em critérios como *forma, natureza temporal, aspecto e modalidade*<sup>3</sup>, que o incluem como uma variante na codificação de tempo futuro em Português brasileiro contemporâneo; apresentamos considerações sobre o surgimento da perífrase gerundiva e, ao final, tratamos de preconceito linguístico.

## 1. Por uma definição de *gerundismo*<sup>4</sup>

Considerando que a expressão de tempo futuro em Língua Portuguesa é codificada (a) pela forma sintética – futuro simples (*Cantarei*); (b) pela perífrase com o verbo *haver* (*Hei de cantar*); (c) pela perífrase com o verbo *ir* (Eu *vou cantar*); (d) pelo presente (Amanhã, eu *canto*) e (e) por meio de perífrases com gerúndio, a construção denominada *gerundismo* deve satisfazer aos seguintes critérios:

a) **Tempo** – a construção denominada *gerundismo* deve ser uma variante da codificação de futuro do presente do indicativo, ficando descartadas as variantes de futuro do pretérito (*eu iria estar viajando* na semana que vem) e futuro do subjuntivo (*quando eu puder estar viajando*, eu aviso).

b) **Aspecto** – a construção denominada *gerundismo* deve expressar a noção de aspecto *durativo*<sup>5</sup>.

c) **Referência** – as perífrases gerundivas apresentam comportamento diferenciado, o que nos permite organizá-las em três subvariáveis: futuro iminente (eventos que envolvem o momento de fala e se estendem para o futuro, cuja ênfase durativa está no início), futuro médio (eventos situados à direita do momento de fala, em que não se especifica o início e o término de sua duração) e futuro resultativo (situado à direita do momento de fala, com ênfase no término do evento). A construção denominada *gerundismo* deve ocorrer à direita do momento de fala, configurando o *futuro médio*.

d) **Substituição** – o paradigma em que a construção denominada *gerundismo* ocorrer deve permitir a comutação por outras formas que expressem tempo futuro, ou seja, o contexto de tempo futuro deve permanecer o mesmo a ponto de permitir a substituição de uma forma por outra, sem comprometer o significado referencial em um mesmo enunciado. Vejamos o exemplo:

(1) *Eu acho que daqui um tempo VAI TA CHEGANDO não nos interiores no sertão mas também na cidade na cidade grande.* (corpus Torres<sup>6</sup>).

... *vai chegar...*

... *chegará...*

... *chega...*

Os critérios acima são suficientes para inserir o *gerundismo* em contexto de variação de tempo futuro, mas nem todas as construções gerundivas que expressam tempo futuro são tratadas como *gerundismo*, razão pela qual consideramos, na sequência, *forma, natureza temporal, aspecto e modalidade* na análise do status das construções gerundivas.

As construções gerundivas, na codificação de tempo futuro, podem ser encontradas em português brasileiro contemporâneo nas seguintes **formas**:

(I) ir (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio (*O grande P. C. vai estar conversando com a gente!*);

<sup>3</sup> As considerações sobre o complexo Tempo-Aspecto-Modalidade são pautadas em Givón (1984).

<sup>4</sup> A definição que propomos aqui dá conta do *gerundismo* como variante da expressão de tempo futuro que permita a comutação com outras formas de codificação de tempo futuro (futuro simples, perifrástico etc), contudo há casos considerados como *gerundismo* em situações como: *pretendo neste próximo semestre começar uma faculdade PRA TA MELHORANDO meu currículo PRA TA CRESCENDO mais* (corpus Torres).

<sup>5</sup> Conforme Givón (1984), Aspecto refere-se à noção de delimitação do período de tempo.

<sup>6</sup> Corpus organizado por Fábio Fernandes Torres, em 2009. Integram o corpus 60 entrevistas realizadas com informantes de Fortaleza/CE, estratificados de acordo com sexo, faixa etária e profissão.

(II) modal (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio (*eu posso estar marcando a consulta outro dia*);

(III) ir (presente) + qualquer infinitivo + gerúndio (*Vamos continuar tentando para que o senhor possa receber a encomenda em sua casa*);

(IV) modal (presente) + qualquer infinitivo + gerúndio (*Se você não se prevenir, você pode acabar se contaminando*);

(V) estar (futuro do presente) + gerúndio (*estaremos marcando a nova data das provas*);

(VI) estar (presente) + gerúndio (*estou pedindo o relatório na semana que vem*).

As construções acima são diferentes quanto à forma. As construções (V) e (VI) não podem ser consideradas *gerundismo*, visto que, conforme Menon (2004), construções como (V) são antigas na língua, portanto não são emergentes, como se espera ser o fenômeno em discussão; a construção (VI) é uma forma de presente com função de tempo futuro e seu uso não causa estranhamento, visto que essa possibilidade de codificação (o presente pelo futuro) é gramaticalmente prevista. Cunha (1986), por exemplo, embora não trate dessa construção e dessa função especificamente, afirma que *estar* + *gerúndio* indica ação durativa e *ir* + *gerúndio* indica ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas, o que nos permite dizer que a forma, indubitavelmente, uma forma de presente, está em perfeito acordo com a gramática normativa quando expressa tempo futuro. Essa discussão leva-nos a fazer uma primeira afirmação: *o gerundismo é típico das construções gerundivas com três verbos*.

As construções com três verbos são aparentemente semelhantes quanto à forma, visto que os verbos que aparecem, na primeira e segunda posições, podem expressar funções outras, como nuanças modais diferentes. Isso se deve ao seguinte: (i) o verbo que preenche a primeira posição pode ser um mero auxiliar (*ir*) ou um verbo modal (*poder, dever, querer, entre outros*); (ii) o verbo que preenche a segunda posição pode ser *estar* (importante para a caracterização de *gerundismo*) ou outro verbo no infinitivo que pode emprestar à construção nuanças aspectuais diferentes (*telicidade, duratividade, pontualidade, iteratividade, entre outras*)<sup>7</sup>. A relevância do **aspecto** para uma definição de *gerundismo* pode ser observada nos seguintes exemplos:

(2) *Eu vou acabar jantando mais cedo hoje!* (telicidade)

(3) *Eu vou continuar estudando o gerúndio.* (duratividade)

(4) *Eu vou acabar chegando exatamente às 10 horas, mais cedo que pensava.* (pontualidade)

(5) *Eu vou ficar trocando as flores dos vasos a cada meia hora.* (iteratividade)

As duas considerações acima são bastante pertinentes para a discussão que ora empreendemos. Levando-se em consideração a observação (i), essas construções mesmo sendo iguais quanto ao número de verbos (uma perífrase com três verbos) e embora mantenham o mesmo significado referencial, o que nos permite mantê-las como variantes de uma mesma variável, de modo algum são iguais em todos os sentidos e suas diferenças precisam ser elucidadas, uma vez que, ao mudar o verbo modal, teremos modalidades diferentes:

a) *epistêmica (no sentido de possibilidade)*:

(6) *João deve estar entregando o relatório amanhã.*

b) *deôntica (no sentido de obrigação)*:

(7) *Você deve estar pagando a fatura ainda hoje.*

Contudo, essas diferenças não são suficientes para se dizer com exatidão o que configura de fato o *gerundismo*, olhando-se apenas o *tipo de verbo da primeira posição: auxiliar ou modal*. Quanto à observação (ii), as diferenças entre uma construção e outra podem ser mais perceptíveis a ponto de não tratarmos todas as construções como *gerundismo*. O verbo que aparece na segunda

<sup>7</sup> Há de se levar em consideração que, embora o verbo no infinitivo empreste à perífrase diferentes nuanças aspectuais, os advérbios também desempenham essa função, daí a diferença aspectual entre os exemplos 02 e 04.

posição, sendo um verbo de aspecto *imperfectivo*, mesmo que acrescido de nuances aspectuais diferentes (*telicidade*, por exemplo), pode ser mais adequado<sup>8</sup> a uma construção durativa, como são as construções com gerúndio, a que se costuma chamar *de bom uso do gerúndio*. Vejamos os exemplos:

- (8) *Se eu jogar, vou acabar ganhando.*  
(9) *Se eu jogar, vou continuar ganhando.*

A diferença entre essas duas construções se estabelece pela forma e pelas nuances aspectuais expressas. Os exemplos (8) e (9) codificam o tempo futuro diferentemente, como um futuro *resultativo* e como um futuro já *começado*, respectivamente. O verbo *acabar* não expressa uma duração, aponta para um determinado fim, emprestando à perífrase um caráter de *aspecto resultativo* e, nesse caso, a nuance aspectual do verbo no infinitivo não é incompatível com a duratividade expressa no gerúndio. Essa construção seria pouco propensa a estigmas. Quanto ao verbo *continuar*, expressa uma ação durativa, também dividida em fases, mas não se pode identificar seu início e seu fim, é uma ação durativa por excelência. Dificilmente, a construção em (9) seria estigmatizada.

Em se tratando dos casos em que a segunda posição é do verbo *estar*, um verbo de estado permanente, *estar* funciona como auxiliar e enfatiza a noção aspectual do outro verbo da perífrase. Esse traço é importante para a caracterização de *gerundismo*, visto que são justamente as construções gerundivas com *estar* as mais estigmatizadas. Considerem-se as seguintes construções:

- (10) *Eu vou ficar chutando a bola.*  
(11) *Eu vou estar chutando a bola.*

Essas construções têm o mesmo verbo no gerúndio, o verbo *chutar*, considerado um verbo tipicamente de aspecto pontual, contudo não há dúvidas quanto à duratividade expressa nas construções acima. Na construção (10), o verbo *ficar*, embora seja um verbo de estado (manutenção do estado), empresta à perífrase um caráter iterativo, o que nos permite inferir que o falante do enunciado (10) chutará a bola por tempo indeterminado. O mesmo não se pode afirmar da construção (11), causando estranheza o fato de a perífrase com um verbo pontual no gerúndio expressar duratividade, já que, neste caso, o aspecto iterativo está descartado. O mesmo fato ocorre nos exemplos seguintes:

- (12a) *Eu vou estar enviando os convites.*  
(12b) *Eu vou ficar enviando os convites.*  
(13a) *Eu vou estar transferindo cem reais para sua conta.*  
(13b) *Eu vou ficar transferindo cem reais para sua conta.*

*Enviar* é um processo único, sem distinção de fases, contudo, quando aparece em construções como (12b), identifica-se iteratividade, repetições do processo, compatível com a duratividade expressa pelo gerúndio. Da mesma forma, *transferir* (dinheiro) é um processo único, cuja repetição só pode ser evidenciada pela perífrase em (13b), podendo-se entender que o falante desse enunciado fará transferências (indefinidamente, até que se esgote o saldo). Essa interpretação seria forçada, caso a atribuíssemos ao significado de (13a), a não ser que acrescentássemos expressões como *várias vezes, por dez vezes, indefinidamente* etc. É preciso notar que teríamos, necessariamente, de adicionar advérbios ou expressões adverbiais que dêem idéia de repetição, porque se adicionássemos expressões que forneçam a idéia de duração, continuaria a interpretação de um evento único, conforme exemplo seguinte:

---

<sup>8</sup> Se um verbo no infinitivo pode ser visto como constituído de uma duração interna, como dividido em fases (início, meio e fim), seu uso em perífrases gerundivas é apropriado (*adequado*), dado o caráter durativo dessas construções.

(12c) *Eu vou estar transferindo cem reais* (por trinta minutos, por meia hora, a tarde inteira, etc).

(13c) *Eu vou estar enviando os convites* (por trinta minutos, por meia hora, a tarde inteira, etc).

O que soaria estranho em (12c) e em (13c) seria o fato de o falante desses enunciados precisar de muito tempo para realizar uma ação que pode ser feita em poucos minutos, mas uma interpretação iterativa seria, ainda, muito forçada. *Ficar*, por si próprio, expressa a noção de aspecto iterativo; *estar* necessita de expressões adverbiais adicionais para expressar essa mesma noção.

Essa discussão leva-nos a fazer uma segunda afirmação: *das construções com três verbos, só poderão ser consideradas gerundismo aquelas em que o verbo da segunda posição é o verbo **estar**, funcionando como auxiliar.*

Apresentada a importância da forma verbal e do aspecto para a discussão que vimos empreendendo, consideremos, agora, a **modalidade** e a **natureza temporal** expressas pelas perífrases gerundivas. Se o futuro possui, conforme Fiorin (1996), um valor temporal que não permite expressar uma modalidade factual, no caso das construções gerundivas, essa avaliação tem de ficar muito mais evidente, caso se queira estabelecer uma verdade mais provável, como no exemplo seguinte:

(14) *Amanhã, com certeza, vai estar chovendo.*

No caso do exemplo acima, esse estado de coisas só será uma fato verdadeiro se levarmos em consideração o contexto em que o enunciado foi produzido (período de chuvas, baseado nas previsões meteorológicas, no conhecimento do clima do local etc). Então, o exemplo (14) não pode ser confundido com *gerundismo*, ele expressa tempo futuro e uma modalidade mais provável, aceita pelos falantes, que não depende da forma verbal usada para expressar tempo futuro, mas da expressão “com certeza” e não poderia ser confundido com uma promessa ou com um estado de coisas possível. Isso nos leva a fazer uma terceira afirmação: *o gerundismo expressa um estado de coisas possível, uma modalidade não-factual. São enunciados que não expressam certeza, mas promessa ou possibilidade de um determinado fato ocorrer.*

Associada ao aspecto e à modalidade está a **natureza temporal** das construções gerundivas. Observem-se os seguintes exemplos:

(15) *Quando você chegar, eu já vou estar dormindo.*

(16) *Amanhã, João vai estar viajando.*

(17) *Amanhã, João vai confirmar que, na semana que vem, ele vai estar viajando.*

Nenhuma das construções poderia ser tratada como *gerundismo*, visto que o aspecto expresso pelas perífrases com gerúndio mantém a natureza durativa do gerúndio nos três exemplos. No caso do exemplo (15), há uma ação durativa futura concomitante à outra.

(15) [Quando você chegar] [eu já vou estar dormindo]

O mesmo é válido para o exemplo (16), no qual o advérbio *amanhã* engloba toda a ação expressa pela construção com gerúndio:

(16) [Amanhã, (João vai estar viajando)]

No exemplo (17), é a oração *na semana que vem* que engloba a construção com gerúndio:

(17) [Na semana que vem (ele *vai estar viajando*)]

Em todos os exemplos, há uma condição que permite a expressão de duratividade. Se substituíssemos a perífrase por uma forma simples, essa noção aspectual não mais poderia ser expressa pela forma verbal substituída, mas por advérbios. No caso do exemplo (15), dificilmente se poderia expressar duratividade por uma forma simples, mesmo com o auxílio de advérbios:

(15.1) *Quando você chegar, eu já dormirei (há horas) (?)*

(15.2) *Quando você chegar, eu já durmo (há muito tempo) (?)*

(15.3) *Quando você chegar, eu já estarei dormindo.*

No caso dos exemplos (16) e (17), seriam necessários advérbios para marcar a duratividade, caso substituíssemos a perífrase por uma forma simples:

(16.1) *Amanhã, João viajará (o dia inteiro).*

(17.1) *Na semana que vem, João viajará (a semana inteira).*

Essa discussão leva-nos a fazer uma quarta afirmação: *o gerundismo, como variante da codificação de tempo futuro, deve ocorrer posteriormente ao momento de fala e ao momento de referência ou a qualquer outra expressão de futuridade, mas nunca pode ser cotemporal ao momento de referência, como nos exemplos acima, que não se configuram gerundismo.*

Com base na discussão que ora empreendemos, propomos a seguinte definição para *gerundismo*:

(i) *O gerundismo é tipicamente uma construção gerundiva com três verbos;*

(ii) *Das construções com três verbos, só poderão ser consideradas gerundismo aquelas em que o verbo da segunda posição é o verbo **estar**, funcionando como auxiliar;*

(iii) *O gerundismo expressa um estado de coisas possível, uma modalidade não-factual. É um enunciado que não expressa certeza, mas promessa ou possibilidade de um determinado fato ocorrer;*

(iv) *O gerundismo, como variante da codificação de tempo futuro, ocorre posteriormente ao momento de fala e ao momento de referência ou a qualquer outra expressão de futuridade, mas nunca é cotemporal ao momento de referência.*

Ao se propor uma escala das construções gerundivas, assumimos que mais de um critério tem de ser levado em consideração. Assim ficariam distribuídas essas construções da mais representativa do *gerundismo* (construção em I) à menos representativa (construção em VI), a ponto de não ser considerada *gerundismo*, conforme definição proposta nesta seção:

(I) ir (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio (*O grande P. C. vai estar conversando com a gente!*);

(II) modal (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio (*eu posso estar marcando outro dia*);

(III) ir (presente) + qualquer infinitivo + gerúndio (*Vamos continuar tentando para que o senhor possa estar recebendo a encomenda em sua casa*);

(IV) modal (presente) + qualquer infinitivo + gerúndio (*Se você não se prevenir, você pode acabar se contaminado*);

(V) estar (futuro do presente) + gerúndio (*estaremos marcando a nova data das provas*);

(VI) estar (presente) + gerúndio (*estou pedindo o relatório na semana que vem*).

## 2. A origem do *gerundismo*: uma hipótese

O futuro simples em Língua Portuguesa é derivado de uma formação perifrástica na língua-mãe, o Latim, a partir da aglutinação do verbo *habere*, auxiliar, com o infinitivo de um outro verbo. Esse processo que pressupõe variação e mudança não é um processo acabado no

português contemporâneo: pesquisas variacionistas, tais como Gibbon (2000), Santos (2000) e Oliveira (2006), mostram que há um predomínio estatístico de frequência de uso do futuro perifrástico sobre o futuro simples, de forma que o processo parece ser cíclico e não linear.

A expressão de tempo futuro obedeceu a um esquema:

*forma simples > forma perifrástica > forma simples > forma perifrástica*

\_\_\_\_\_→  
*amabo > amare habeo/ habeo amare (em Latim)*

*amar hei/ hei de amar > amarei > vou amar (em Português)*

Partindo-se desse fato, podemos lançar uma hipótese para o aparecimento da perífrase com três verbos, expressando tempo futuro. A forma simples foi decomposta em uma forma perifrástica, por exemplo, *amarei > vou amar*, e essas formas coexistem no português contemporâneo com outras formas de expressão de futuro, como aquelas formadas pelo futuro simples + gerúndio (*estarei amando*). Se o futuro simples não é tão recorrente em dados de fala, sendo substituído, conforme Oliveira (2006), tanto em contextos formais quanto informais pelo futuro perifrástico, é possível que, em *estarei amando*, o falante substitua, na primeira posição, o verbo *estarei* (visto como auxiliar) por *vou estar*, forma mais usada e reconhecidamente preferida para expressar tempo futuro, resultando em uma perífrase *vou estar amando*. Vejamos o diagrama abaixo:

*hei de estar > estarei > vou estar*

\_\_\_\_\_→  
*estarei amando > vou estar amando*

Nesse caso, o falante mantém a codificação de tempo futuro com a perífrase *ir (presente) + infinitivo*, mas como sua necessidade não é a mera expressão de tempo futuro, mas também de aspecto e modalidade, o resultado é uma perífrase com gerúndio. Essa hipótese está de acordo com o que se tem verificado no processo de codificação de tempo futuro na Língua Portuguesa. Para continuarmos essa discussão, tomemos as noções modais de certeza e incerteza, em natureza escalar, e consideremos os seguintes exemplos:

(18) *Eu **ligarei** para a senhora na segunda-feira* (se for possível, se o telefone estiver funcionando, se eu estiver trabalhando, se meu chefe autorizar etc).

(19) *Eu **vou ligar** para a senhora na segunda-feira* (se for possível, se o telefone estiver funcionando, se eu estiver trabalhando, se meu chefe autorizar etc).

(20) *Eu **vou estar ligando** para a senhora na segunda* (se for possível, se o telefone estiver funcionando, se eu estiver trabalhando, se meu chefe autorizar etc).

Não há dúvidas de que o tempo dos exemplos é futuro, as formas usadas para codificar essa função são, inclusive, intercambiáveis, sem prejuízo para essa codificação. Contudo, há diferenças modais entre as formas: em (18), embora ainda se possa identificar um valor modal ligado ao temporal, há uma intenção mais segura, parece mais provável que se realize a ação; em (19), há intenção de se realizar a ação expressa pela perífrase, marcando-se também o tempo futuro; mas, em (20), a informação parece indicar que há menos certeza em termos de execução da ação. A propósito, o que está entre parênteses pode ser interpretado pelo interlocutor levando-se em consideração a forma em (20). Se se quisesse dizer o que está entre parênteses, em (18) e (19), teríamos de escrever, de fato, todo conteúdo dos parênteses, o que não parece necessário quando se usa a perífrase gerundiva, interpretação, talvez, mais ligada ao preconceito linguístico do que ao valor semântico da construção em si. Tomando-se a noção de certeza e incerteza em natureza escalar, já que se trata de eventos futuros, a forma é suficiente para

expressar menos certeza em (20) do que em (18) e (19), isto é, mesmo em se tratando de possibilidade, há um grau maior de certeza associado à forma verbal em (18), um grau de certeza intermediário associado à forma verbal em (19) e um menor de certeza associado à forma verbal em (20).

Como falar de economia linguística nesse caso? Não há dúvidas de que, na escolha de uma forma simples em vez de uma forma perifrástica, há uma economia do ponto de vista estrutural, mas é preciso considerar que a perífrase gerundiva acumula outras funções e seu uso na língua evita que se acrescentem mais itens linguísticos para expressar modalidade (incerteza, dúvida, possibilidade etc) e aspecto (*duratividade, telicidade, pontualidade, iteratividade*), constituindo-se uma alternativa para o falante expressar mais com menos itens linguísticos.

### 3. O *gerundismo* e o preconceito linguístico

Nas seções anteriores, empreendemos uma discussão que teve por objetivo estabelecer uma definição para *gerundismo*, analisando as perífrases gerundivas em relação à **forma**, à **natureza temporal**, ao **aspecto** e à **modalidade**. Em seguida, lançamos uma hipótese sobre o surgimento das perífrases gerundivas com três verbos como uma variante das formas de codificação de tempo futuro, supondo que a formação de perífrases desse tipo é relativamente recente no Português, o que pode explicar, em termos, o preconceito linguístico atribuído ao emprego dessas perífrases. A noção de preconceito, no que diz respeito à linguagem, parece ter uma relação estreita com o surgimento de formas alternativas e novas para expressar um determinado estado de coisas na língua, visto que o que é novo em outras áreas do conhecimento, como a da tecnologia, por exemplo, tem recebido uma valorização positiva pela sociedade moderna, mas o que é novo em linguagem sofre resistência e preconceito.

A sociedade contemporânea, sem dúvida, está extremamente ligada a inovações de todos os tipos. A última década do século passado e a primeira década do presente século estão marcadas por inovações tecnológicas e por uma distribuição parcialmente democrática das novas tecnologias. A internet proporcionou ao homem moderno o acesso quase irrestrito a informações de todos os tipos. Estamos sempre em alerta, com a sensação de “*o que vem por aí?*” e quase sempre esse novo é bem acolhido. O que é novo, contudo, até mesmo na tecnologia, vem ocupar um lugar que não era seu e por isso entra em competição com o elemento que realizava determinada função, considerado agora obsoleto e ameaçado pelo “novo e desconhecido”. Assim aconteceu com a máquina de escrever, substituída pelo computador; com o telefone fixo, constantemente ameaçado pela praticidade do telefone móvel. Nas palavras de Bagno (2000), o “novo” assusta, subverte as certezas, compromete as estruturas vigentes. Assim, dizemos que não há lugar para o “novo”. O que é novo chega sorrateiro, mostra sua diferença, faz um jogo de marketing e, quando menos se espera, ocupa um espaço que não estava especificamente reservado para ele, e, só depois, conseguimos valorizar suas qualidades a ponto de afirmarmos “*agora vivemos melhor e com mais conforto, graças à/ao...*”

Contudo, essa receptividade para o novo não ocorre em todos os níveis da experiência humana. No que diz respeito à linguagem, o que é novo é quase sempre tachado como inferior, impróprio, ruim, modismo, entre outros. Labov (2001), por exemplo, observa que, geralmente, as pessoas aprovam as novas danças, novas músicas e novos aparelhos eletrônicos, mas não se ouve elas dizerem “é maravilhosa a forma como os jovens falam hoje, é melhor que o modo como falávamos quando éramos crianças” (LABOV, 2001, p. 6).<sup>9</sup> Essa atitude é responsável pelo preconceito linguístico. É preciso debater como essa prática, a do preconceito linguístico, tem sido valorizada, mesmo diante das constantes investidas de linguistas para desmitificar essas posturas. A sociedade moderna tem se mostrado muito propensa a garantir os direitos das minorias ou de grupos segregados. Não raramente, têm sido criadas leis de amparo e de proteção

---

<sup>9</sup> Traduzido livremente de: “It’s wonderful the way young people talk today. It’s so much better than the way we talked when I was a kid.”



a grupos como os homossexuais, os afrodescendentes, dentre outros, na tentativa de garantir a essas pessoas o respeito, a dignidade, o acesso aos serviços públicos. Manifestações públicas de solidariedade a esses grupos estão cada vez mais comuns e os resultados têm sido comemorados. São sempre ações bem intencionadas, responsáveis por tirar do abandono, do desprezo, da incompreensão e da segregação pessoas que experimentam a dor do sofrimento pelo simples fato de serem diferentes, de pertencerem a outro grupo. Paradoxalmente, a noção de diferença parece estar em voga na atualidade. O que vemos é uma verdadeira busca por implementação da identidade ou de um modo de vida particular, a cultura *punk*<sup>10</sup> é um exemplo disso.

Infelizmente, na contramão dessas atitudes tão nobres e benevolentes, está a ratificação do preconceito linguístico. É lamentável que, num Estado democrático em que a garantia de direitos é uma atitude imperativa, a prática do preconceito linguístico encontre respaldo e aprovação nos veículos de comunicação disponíveis. Numa postura de educação às avessas, a contribuição que, em grande parte, a mídia tem dado para a discussão das questões relacionadas à língua é para ratificar o preconceito linguístico. Em linguagem, tornou-se uma prática comum a supervalorização dos compêndios gramaticais, criando, assim, uma grande confusão entre língua e gramática normativa, a ponto de se promover a segregação de indivíduos pura e simplesmente pelo fato de eles desobedecerem a algumas *leis do mandamento gramatical*.

Fundamentado nessa confusão, o preconceito, não importa qual seja o seu nível, é responsável pela segregação dos falantes em dois grandes grupos: os que conhecem a língua e são bons usuários dela *versus* os que não conhecem a língua e são deturpadores dela. Ao primeiro grupo, pertence uma classe privilegiada, com dons inquestionáveis de dominar o idioma; ao segundo, a grande maioria da população brasileira, acusada de *assassinar* o idioma.

Não raramente, pertencem ao grupo acusado de deturpar a língua pessoas da zona rural, com pouca ou nenhuma instrução formal, ou pessoas da zona urbana, também segregadas dos serviços públicos básicos, como educação, saúde e saneamento, representantes das periferias das grandes cidades. É o resultado de um país extremamente marcado pela má distribuição de renda e de serviços públicos, um país marcado por uma exploração colonizadora que dividiu a sociedade entre ricos e pobres, brancos, pretos e mestiços, colonizador e colonizado e, em pleno século XXI, ainda encontra formas de segregar cidadãos por meio do preconceito linguístico.

Sob a égide desse discurso, lemos em jornais e na internet colunas inteiras que ganham lugar de destaque pelo tom de deboche e de desprezo de seus autores para com outros registros da Língua Portuguesa, em nome de um ufanismo demagogo, oportunista e falso de defesa da Língua Portuguesa e de um amor ao idioma. Essas colunas estão, geralmente, recheadas de preconceitos, quase sempre um preconceito que se volta para o usuário de determinado registro linguístico, que tenta culpar o brasileiro por deturpar a Língua Portuguesa, ainda com um sentimento subserviente, colonizado e com os olhos voltados para o padrão europeu, sob o pretexto, conforme Bagno (2000), de que o que não é falado em Portugal simplesmente não é Português.

Dentre essas posturas de defesa, merece destaque o uso do gerúndio em perífrases verbais para expressar tempo futuro. Em artigo publicado inicialmente no Jornal da Tarde / O Estado de São Paulo, na edição de 16/02/2001, o jornalista Ricardo Freire saiu em defesa da Língua Portuguesa em um artigo intitulado *Manifesto Antigerundista*<sup>11</sup>. Nesse artigo, o jornalista

---

<sup>10</sup> O termo cultura punk aplica-se aos “estilos de produção cultural que possuem certas características comuns àquelas ditas punk, como por exemplo, o princípio de autonomia do faça-você-mesmo, o interesse pela aparência agressiva, a simplicidade, o sarcasmo niilista e a subversão da cultura. Entre os elementos culturais punks estão: o estilo musical, a moda, o design, as artes plásticas, o cinema, a poesia, o comportamento (podendo incluir ou não princípios éticos e políticos definidos), expressões linguísticas, símbolos e outros códigos de comunicação”. (Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura\\_punk](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_punk)).

<sup>11</sup> FREIRE, Ricardo. Manifesto Antigerundista.

Disponível em <<<http://www.scrittaonline.com.br/imprimir.php?id=1>>> acesso em 03 de maio de 2007.  
FREIRE, Ricardo. Em 2004, *Gerundismo Zero*.

reconhece o fenômeno linguístico como “uma praga terrível da comunicação moderna”, “vício maldito” e “infelicidade linguística”.

O que o jornalista não levou em consideração, ao redigir o manifesto, foi o fato de a Língua Portuguesa ser uma língua viva, e como tal, está submetida a processos de variação e mudança, fenômenos tão importantes para todas as línguas, responsáveis inclusive pelo surgimento de novas línguas, como a que ele intenciona defender. Se essa verdade fosse negada, teríamos de afirmar que espanhóis, italianos e franceses falam o Latim. Falamos uma língua que, por se distanciar do Latim padrão ou clássico, por sofrer os mesmos processos de variação e mudança a que todas as línguas estão submetidas, diferenciou-se a ponto de ser considerada uma nova língua. Esses processos aconteceram em todas as regiões dominadas pelo império romano e foram responsáveis pelo surgimento das línguas neolatinas.

O jornalista também desconsiderou que a codificação de tempo futuro em Língua Portuguesa é um fenômeno reconhecidamente em variação, que pode ser codificado por várias formas, dentre elas estão as perífrases com gerúndio: (I) ir (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio; (II) modal (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio; (III) ir (presente) + qualquer infinitivo + gerúndio; (IV) modal (presente) + qualquer infinitivo + gerúndio; (V) estar (futuro do presente) + gerúndio; (VI) estar (presente) + gerúndio.

Se um fenômeno está em variação, uma variante não pode ser considerada melhor que outra, o que pode ser verificado é o prestígio social entre uma variante e outra. Trata-se de questões de *adequabilidade* e *aceitabilidade* e não de conceitos como certo e errado. De acordo com Bagno (2000), só se poderia considerar erro de português um enunciado que não fosse representativo de nenhuma variedade do português, mas um fenômeno observado em vários setores da sociedade não poderia ser considerado *erro*. No mínimo, diríamos que é um fenômeno que precisa ser estudado, ter mapeados seus contextos de usos e suas funções. Sendo um fenômeno em variação, o trabalho do jornalista, por *melhor que tenha sido a intenção*, torna-se inócuo, visto que é impossível barrar um fenômeno que é próprio da língua. Por mais que as gramáticas normativas de Língua Portuguesa insistam em afirmar que expressamos o futuro em Língua Portuguesa pelo futuro do presente simples, as recentes pesquisas, tais como Gibbon (2000), Santos (2000) e Oliveira (2006), que trataram da variação de tempo futuro mostraram que, em Português Brasileiro, principalmente na fala, há uma preferência de uso, observada estatisticamente, pela forma perifrástica. Se fossem eficientes as tentativas de barrar fenômenos em variação, o fato de as lições de gramática normativa serem tão valorizadas pela mídia e continuarem a ser repetidas, por sinal sem grandes mudanças, seria suficiente para manter o sono do jornalista: o que ele denomina indiscriminadamente de *gerundismo* não teria a menor chance. Mas, felizmente, em língua as coisas não funcionam assim. A Língua Portuguesa falada no Brasil é minha, do jornalista, do operador de *telemarketing*, do vendedor, do professor, é de todos e não é de ninguém por mais paradoxal que essa afirmação possa parecer. É de cada um no sentido de que cada um é falante nativo e legítimo representante dessa língua, mas não é no sentido de que sozinho não se pode barrar ou começar um fenômeno linguístico.

Outra *ação protecionista* em favor da Língua Portuguesa foi a do ex-governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda (DEM), que demitiu o gerúndio através do Decreto N° 28.314, de 28 de setembro de 2007, publicado no Diário Oficial do Distrito Federal.

O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

Art. 1° - Fica demitido o Gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2º - Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de INEFICIÊNCIA.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de setembro de 2007.

119º da República e 48º de Brasília

JOSÉ ROBERTO ARRUDA<sup>12</sup>

Segundo Santos (2008), pelos esclarecimentos que se seguiram à publicação do Decreto, dados pelo próprio governador e seus assessores, o problema era com o *gerundismo* e não com o gerúndio, por causa do abuso da forma usada pelos funcionários públicos para “enrolar”. Para a autora, se a atitude do governador tornou sua administração mais eficiente, ainda é cedo para se saber, mas em nada tem a ver com a demissão do gerúndio. A autora, que fez sua pesquisa em Brasília, afirma:

A justificativa dessa demissão baseada na explicação de que o gerúndio não combina com governo eficiente, pois um governo assim está sempre com a coisa feita e nunca fazendo, reforça o mito de que funcionários públicos não trabalham porque são acomodados e de que estão protegidos pela estabilidade e tenta camuflar, por meio desse âlibi, a má gestão e a corrupção, as verdadeiras causas do péssimo serviço prestado à população. (SANTOS, 2008, p. 86)

Não é a primeira vez que se tenta barrar, por meio de legislação, um fenômeno linguístico. Não faz muito tempo, o deputado federal Aldo Rebelo saiu em “defesa da língua”, com tão comentado e já célebre Projeto de Lei nº1676, de 1999, que “Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da Língua Portuguesa e dá outras providências.”<sup>13</sup>

Essas atitudes bem demonstram como nossos políticos e a mídia brasileira desconhecem, ou pelo menos ignoram, a Linguística moderna, uma ciência que

desde o fim do século XVIII, vem construindo um saber científico sobre as línguas humanas. Essa ciência – a linguística – já está solidamente estabelecida nas universidades do mundo todo e vem acumulando um saldo apreciável de observação e análises que corroem até o cerne tanto a reverência quase religiosa às velhas gramáticas, quanto o discurso mítico do senso comum. (FARACO, 2001, p. 37-38)

Essas posturas protecionistas bem demonstram o anti-cientificismo com que esses defensores tratam fenômenos da língua, como afirma Bagno (2001, p.60):

A falta de informação científica é evidente em todas as afirmações do purismo linguístico que, há vários séculos, vêm jurando de pé junto que a Língua Portuguesa está sendo assassinada, que dentro de poucos anos ela não vai existir mais, que os estrangeirismos vão destruir a estrutura do português, que o desprezo dos falantes pela sua própria língua vai condená-la ao desaparecimento etc, etc.

A Língua Portuguesa, embora se tenha preconizado seu trágico fim, não está em crise, ocorre justamente o contrário, o Português é cada vez mais falado e difundido mundo afora, segundo Bagno (2001).

Voltando ao caso do governador, cuja atitude foi abusiva e autoritária, não nos parece razoável que demitir uma forma linguística seja a atitude esperada para se melhorar os serviços públicos. Geralmente, nas empresas, quando um funcionário não cumpre com eficiência as

---

<sup>12</sup> DIÁRIO OFICIAL DO DISTRITO FEDERAL, Ano XLI, Nº188.

Disponível em: << [http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2007/09\\_Setembro/DODF%20188%2028-09-2007/Seção01-%20188.pdf](http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2007/09_Setembro/DODF%20188%2028-09-2007/Seção01-%20188.pdf)>>.

<sup>13</sup> Disponível em << <http://www.camara.gov.br/aldorebelo/bonifacio/linguaport/novprojeto.htm>>> acesso em 17/10/2008.

tarefas a ele atribuídas, a postura esperada é que este funcionário seja demitido e não impedido de falar uma ou outra forma verbal, de pedir desculpas ou de justificar-se. Mas o governador optou pela segunda alternativa.

A nossa sociedade parece ser profícua ao preconceito linguístico. Marcada que é pelas diferenças sociais, estabelecer a diferença entre os que sabem e os que não sabem o Português tem se mostrado uma postura não só aceita pelos meios de comunicação, bem como considerada louvável. Essa postura tem aberto espaço para o preconceito e intolerância linguísticos na mídia, palavras que à primeira vista parecem ser sinônimas, mas que, segundo Leite (2008), merecem ser definidas em separado. Para a autora, “preconceito é a idéia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir à intolerância”, que por sua vez pode ser definida como “atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações” (LEITE, 2008, p. 20). A intolerância constitui “um comportamento, uma reação explícita a uma idéia ou opinião contra a qual se pode objetar” (LEITE, 2008, p. 20).

Sendo a intolerância uma atitude de ódio, de agressividade quase irracional para com indivíduos e grupos de pessoas, com a maneira de ser, com o estilo de vida, com as crenças, com as convicções, com o modo de falar, ela pode se manifestar de vários modos, como com expressões do tipo “eu odeio a fala do carioca”, “eu não suporto o sotaque nordestino”, “eu não consigo falar com mineiro”, “eu odeio *gerundismo*”, entre outras. Essas atitudes são muito frequentes e precisam ser repensadas numa sociedade democrática.

Para Leite (2008), a intolerância gera discursos sobre a verdade (ou verdades) bem como sobre a compatibilidade/incompatibilidade teórica ou prática de duas verdades que se contrapõem. O preconceito e a intolerância têm em comum a não aceitação da diferença, que se manifesta por comportamento de aversão ao outro.

O preconceito não surge exclusivamente de uma dicotomia. Pode ser uma rejeição, um “não-querer”, um “não-gostar” sem razão, amorfos, e pode até mesmo não se manifestar; a intolerância, por sua vez, nasce necessariamente de julgamentos, de contrários, e se manifesta discursivamente. É resultado da crítica e do julgamento de idéias, valores, opiniões e práticas. (LEITE, 2000, p. 22).

Para Fiorin (2002), os preconceitos aparecem quando se considera uma especificidade como toda a realidade ou como um elemento superior a todos os outros. Neste caso, tudo o que é diferente é visto como inexistente, inferior, feio ou errado. O autor afirma que a raiz do preconceito está na consideração das diferenças como patologia, erro, vício etc. e defende, ainda, que, no caso do uso da língua, os conceitos de bonito e feio, usados para tachar os diferentes modos de falar, nada têm a ver com a língua, mas com um modo de perceber as diferenças no seio de uma formação social. Bagno (2003) chama atenção para a dimensão que a sociedade dá ao “erro” linguístico, visto que se o “erro” já se tornou uma regra na língua falada pelos cidadãos mais letrados, embora contrarie as regras da gramática normativa, não é motivo para espantos. Por outro lado, se o erro vem de alguém da classe sem prestígio social, assume proporções gigantescas. Para ele, “existem erros mais errados que outros” (BAGNO, 2003, p.28). Se for um falante da classe social de prestígio, diz-se que foi um lapso. A escala de erros tidos como graves é inversamente proporcional à posição do falante na escala de prestígio social: quanto mais baixo ele estiver na pirâmide social, mais erros graves é passivo de cometer. A elite letrada tem seus “erros” perdoados porque no fundo quem dela faz parte “erra” por descuido, mas “sabe” falar a língua.

Dessa forma, o preconceito linguístico não tem sustentação nem respaldo científico, como esclarece Neves (2006, p. 156):

(...) a proposta e a manutenção de uma dicotomia com **certo** x **errado**, no exame do uso linguístico, não são condenáveis simplesmente pelo que elas poderiam representar de antidemocrático e preconceituoso, mas, especialmente, pelo que elas representam de

anticientífico e antinatural, já que certo e errado são categorias que nem emanam da própria língua nem, no geral, se sustentam por uma autoridade social legítima.

#### 4. Considerações Finais

Neste artigo, discutimos o status das perífrases gerundivas, comumente chamadas de *gerundismo*, que entraram em competição com outras formas da língua para expressar tempo futuro; propomos uma definição para gerundismo e lançamos uma hipótese sobre seu surgimento. Como se trata de um fenômeno novo, essas formas têm sofrido preconceito, surgindo a necessidade de uma discussão sobre o preconceito linguístico. Da discussão proposta, pode-se depreender que: a) o gerundismo é tipicamente uma construção gerundiva com três verbos; b) o verbo da segunda posição é o verbo *estar*, funcionando como auxiliar; c) expressa um estado de coisas possível, promessa ou possibilidade – modalidade não-factual; d) ocorre posteriormente ao momento de fala e ao momento de referência. Na expressão de tempo futuro, as perífrases gerundivas codificam, como as formas simples e perifrásticas, a noção temporal, mas acrescentam outras noções: acentuam o caráter modal do futuro, ou seja, a modalidade epistêmica (incerteza, dúvida, possibilidade etc) e evidenciam traços aspectuais (*duratividade, telicidade, pontualidade, iteratividade*), constituindo-se uma alternativa para o falante expressar mais com menos itens linguísticos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, M. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. Cassandra, Fenix e outros mitos. In: FARACO, C. A. (org). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O Preconceito Linguístico: o que é e como se faz**. São Paulo: Parábola, 2000.
- CUNHA, C. F. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11ª ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- FARACO, C. A. **Estrangeirismos □ guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.
- FIORIN, J. L. Do Tempo. **As Astúcias da Enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996. (p.127-255).
- \_\_\_\_\_. Os aldrovandos Cantagalos e o preconceito lingüístico. In: SILVA, F. L. e MOURA, H. M. de M. **O Direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. Florianópolis, SC: Insular, 2002. p.23- 37.
- GIBBON, A. de O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- GIVÓN, T. Tense – Aspect – Modality. In: **Syntax: a functional – typological introduction**. Vol. 1, Amsterdam/ Philadelphia: J Benjamins, 1984.
- LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. Sociolinguistic. **Working Paper**, 44. Texas, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Massachussets: Blackwell, 2001.
- LEITE, M. Q. **Preconceito e Intolerância na Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MENON, O. P. S. *Gerundismo?* In.: **Lingua(gem)**, V. 1, N. 2, 2004 (p. 191-236)
- NEVES, M. H. M. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Que gramática estudar na escola?** 3ª ed. - São Paulo: Contexto, 2006.
- OLIVEIRA, J. M. de. **O futuro da Língua Portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. 2006. Tese de doutorado – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ.
- SANTOS, P. T. de A. **Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e a expansão da mudança**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

